



Desprendimento

– Há muito que não sei nada de ti – disse-me.

Estou aqui. Precisamente no mesmo sítio. Fico calada, quieta. Não se ouve a minha respiração e apenas os olhos se movem. O peito balança suavemente. Movimentos imprecisos e desordenados.

Não quero este mundo. Já não faço parte dele. Sou apenas espelho. E um dia serei memória. Fico aqui. Estou calada mas os ouvidos latejam. Ouço os passos das multidões, os ruídos dos mexericos estrondosamente amplificadas e em eco. Ouço tudo e não reconheço nada.

Paro. Sinto o fumo das castanhas, que me dá nojo nesta altura. Só nesta altura, só desta vez. Sempre gostei, hoje dá-me nojo. Agora está a dar-me nojo.

Continuo aqui. O meu corpo já não é meu, eu já não sou daqui. O meu corpo é apenas corpo, já não me tem. É apenas matéria, [des]ilusão.

Fico. Os olhos estão abertos de uma forma assustadora. Não os consigo fechar. Já secaram e se feriram com o sal das lágrimas, as mesmas que também desapareceram. Até as lágrimas fugiram, preferiram inundar outros olhos. Mais bonitos, talvez.

Estou aqui mas não conto a ninguém. Quero ficar comigo. Neste canto que já tem as minhas formas, que já conhece o meu cheiro. Talvez um dia também ele se canse e me mande embora. Nesse dia mudarei o tom da minha voz, a cor das minhas roupas e o jeito do meu cabelo. Quem sabe a textura da minha pele também se altere.

Hoje a minha pele é macia, num contraste perfeito com a aspereza do coração.

Tenho sono. Quero adormecer e voltar a sentir a ingenuidade miúda. E sinto o corpo a baloiçar. Quero partir, querendo ficar.

Continuo por cá. Um dia serei diferente. Um dia, os músculos da minha cara vão voltar a mexer-se. Mas hoje não. Não quero. Quero que sejam preguiçosos. Já me cansei de os obrigar a esboçar sorrisos sem terem vontade.

Permaneço. A posição é a mesma, o olhar é o mesmo, o penteado não se alterou. Mas já nada disto é meu. Já me libertei destas trivialidades. Já há algum tempo.

– Há muito que também não sei nada de mim – respondi.